

A CONTINUIDADE DA PRESENÇA PORTUGUESA NA ÁFRICA

Sergio Alves Teixeira

Quando pensamos que os territórios ultramarinos dominados por europeus, a partir do fim da II Guerra, em verdadeira avalanche, obtiveram autonomia, é de chamar a atenção que Portugal tenha conseguido manter os seus, exceto pelos territórios na Índia e por ela tomados. Isto chega a ser visto por muitos como verdadeiro milagre. Depois de uma viagem a Angola e Moçambique adquirir, penso, o que me faltava para compreendê-lo, no que se refere a êstes dois territórios. Agora pretendo explicá-lo. A explicação entendo que deva ser buscada na conjuntura histórica, no conjunto das forças sociais e na vontade e ação humanas que como causa e efeito se conjugam e marcam os destinos dos povos.

Amiudadamente é dito, inclusive como acusação, que tendo sido Portugal o 1.º país europeu a se fixar na África, foi o que menos a desenvolveu, que os outros países que vieram depois fizeram muito mais para civilizá-la. Isto é verdadeiro. Mas por que tal ocorreu?

Inglêses, franceses, belgas desenvolveram mais seus territórios porque mais os exploraram; os portugueses desenvolveram menos seus territórios porque menos os exploraram. Nada mais, nada menos. Maior ou menor desenvolvimento nesse caso decorreu predominantemente de maior ou menor exploração das potencialidades dos territórios, muito pouco do humanitarismo, do sentimento cristão, do civilizar por civilizar.

O filantropismo na forma de escolarização, assistência médica, cristianização, vêzes sem conta, era a vanguarda da exploração ou servia para mascará-la. Ainda neste ponto a

